

A COLABORAÇÃO DO CONSTRUTIVISMO PARA EDUCAÇÃO

Bruna Alves do Nascimento

Graduanda em Pedagogia
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Priscila Alves de Souza

Graduanda em Pedagogia
Faculdades Integradas de Três Lagoas – FITL/AEMS

Suelen Kobayashi Costa

Graduada em Pedagogia pela UFMS/CPTL
Mestra em Educação pela Unicamp
Professora e Coordenadora do curso de Pedagogia – FITL/AEMS

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a importância da teoria construtivista de Piaget para o desenvolvimento da criança no processo de ensino e aprendizagem. O presente artigo enfatiza a necessidade da precisão dos termos utilizados na constituição do saber para a melhor avaliação da aprendizagem, focalizando, em especial, as noções de construção do conhecimento. Reflete, em seguida, sobre o construtivismo e sobre o papel das escolas quanto aos objetivos do ensino e da pesquisa. Procura demonstrar o ensinar e o aprender diferentes das escolas enquanto que o fazer ciência é tarefa da comunidade, e que um procedimento não se opõe ao outro. Ambos se complementam embora sejam distintos e com características próprias. Para a realização desta pesquisa utilizamos uma abordagem metodológica qualitativa e como procedimento de pesquisa a revisão bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Construtivismo; Criança; Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O construtivismo por ser uma teoria nova gera nos educadores dúvidas de como trabalhar em sala e também como saber se a criança está se adaptando. Muitos educadores pela falta de conhecimento não trabalha corretamente esse assunto e não tem sucesso em suas aulas. Por este motivo este trabalho tem como objetivo apresentar a importância da teoria construtivista de Piaget para o desenvolvimento da criança no processo de ensino.

Apresentamos este tema para levar a todos o conhecimento e como ele está sendo tratado e trabalhado nos dias atuais e também como isso vem trazendo benefícios para alunos de todas as escolas sendo privadas ou públicas. Acreditamos que o construtivismo vem sendo muito pouco utilizado pela falta de conhecimento

dos professores, então resolvemos explana-lo neste artigo para ajudar a desvendar as dúvidas e incógnitas que vem acontecendo (KANT, 1981).

O presente artigo enfatiza a necessidade da precisão dos termos utilizados na constituição do saber para a melhor avaliação da aprendizagem, focalizando, em especial, as noções de construção do conhecimento. Reflete, em seguida, sobre o construtivismo e sobre o papel das escolas quanto aos objetivos do ensino e da pesquisa.

Procura demonstrar o ensinar e o aprender das escolas, enquanto que o fazer ciência é tarefa da comunidade. Que um procedimento não se opõe ao outro. Ambos se complementam embora sejam distintos e com características próprias (KANT, 1977).

O docente deve buscar excelência no ensino, assim como o pesquisador, na pesquisa. Considera como ensino não apenas a transmissão do já conhecido, mas o processo que leva à capacidade de observação e de reflexão crítica. O bom ensino deve ocorrer não como um armazenamento de informações, mas como formação de referenciais e desenvolvimento da capacidade de avaliação (ARCE, 2000).

Deste modo, para desenvolver este estudo utilizamos uma abordagem qualitativa, acreditando que o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações (FONSECA, 2002).

Como estratégia de pesquisa utilizamos a pesquisa bibliográfica que é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites o que permitiu a nós pesquisadores conhecer o que já se estudamos sobre o assunto (Ibid.).

CONSTRUTIVISMO

O construtivismo tem como referencia Jean Piaget. Ele mostrou-se interessado em analisar como origina e evolui o conhecimento. Para que ele iniciasse teve que acompanhar o desenvolvimento infantil desde a infância até a fase adulta. Piaget nasceu em 9 de Agosto de 1896, na província de Neuchâtel na

Suíça. Começou sua análise dentro de casa com a ajuda de sua esposa e da assistente Jacqueline por observações e registros. Nessa fase, ele concluiu sobre o desenvolvimento do pensamento e privilegiadamente a linguagem. Jean Piaget acredita que cada pessoa constrói seu mundo através da interação com o ambiente que o rodeia. A isso, ele deu o nome de construtivismo por enfatizar que o homem é construtor do seu conhecimento.

Na visão piagetiana, o conhecimento se constrói na interação do sujeito com o objeto. Para Piaget (1975, p. 7):

O conhecimento não procede nem da experiência única dos objetos nem de uma programação inata pré-formada no sujeito, mas de uma interação entre ambos, que resulta em construções sucessivas com elaborações constantes de estruturas novas graças a um processo de equilíbrios majorantes, que corrigem e completam as formas precedentes de equilíbrio.

A ação é fundamental no processo de construção do conhecimento, mas não é integrado ao sistema cognitivo da criança como cópia da realidade, mas como resultado de “um diálogo entre as estruturas do sujeito e as do objeto e no qual o sujeito é o protagonista de seu próprio conhecimento” (ASSIS, 2000, p. 77).

A noção de construção do conhecimento é uma dessas ideias que têm mais de um significado, que pode ser tomada em sentidos diversos devendo ser esclarecida para poder ser melhor utilizada. Basicamente, é entendida como construção de saberes aceitos em determinado tempo histórico ou como processo de aprendizagem do sujeito. Considera-se como construção o ato de construir algo e como ato ou ação. Um objeto que mobilize o sujeito vai ocorrer em três etapas: a deliberação, a decisão e por fim, a execução (KANT, 1977).

A ação é entendida como um processo racional e livre decorrente, portanto da inteligência e da vontade. Embora se possa falar em ato instintivo e ato espontâneo como movimentos e aprendizagem dentro da família antes de ir para escola que partem do sujeito independentemente da sua vontade, percebe-se que nesses casos não se tem propriamente um ato, uma ação livre, mas apenas um movimento involuntário (COLL, 2003).

A chamada “construção do conhecimento” não é então totalmente livre e aleatória. Ela deve corresponder a uma unidade de pensamento, a uma concordância, a um consenso universal. Não se pode imaginar que possa, cada um,

“construir” o seu conhecimento de modo totalmente pessoal e independente sem vínculo com a comunidade científica e com o saber universal.

Com Jean Piaget (2002) iniciam-se as pesquisas de psicologia genética que deram origem ao chamado construtivismo – Interacionismo Genético que tinha como objetivo estudar o processo da constituição do conhecimento humano. Não acreditando em inteligência inata, considera que a gênese da razão, da afetividade e da moral, faz-se progressivamente em estágios sucessivos em que é organizado o pensamento lógico, a capacidade de julgamento e a vida moral.

O conhecimento humano inicia-se na primeira infância quando a criança, por imitação repete os gestos, as expressões faciais e as palavras dos adultos com quem convive. O aprendizado, a construção do conhecimento, exige, portanto, um estado de atividade da parte do sujeito sem que isso signifique ausência de ensino, de transmissão social (Ibid.).

O método clínico piagetiano consiste, portanto, em conversar livremente com a criança sobre um tema dirigido e seguir, por conseguinte os desvios tomados por seu pensamento, afim de reconduzi-lo ao tema para obter justificativas e testar a constância, e em fazer contra-sugestões. Entretanto, até chegar a ser do modo como acabamos de descrevê-lo, o método clínico passou por várias etapas evolutivas (GULART, 2003, p. 149).

MODALIDADES DO CONSTRUTIVISMO

Podem-se admitir diferentes modalidades de construtivismo. Cesar Coll (2003) registra as seguintes formas:

- o cognitivo que lida com o processo da informação;
- o piagetiano baseado na psicologia genética;
- o de orientação sociocultural baseado na teoria histórica e sociocultural;
- o da psicologia discursiva, da psicologia social que nega a existência de processos psicológicos internos no indivíduo.

A palavra “construtivismo” peneirou profundamente na educação, notadamente no Brasil. Decorrência: alguns educadores se dizem construtivista, outros não. Mas o que significa ser construtivista? Significa concordar com certa teoria psicológica? Se a teoria de Piaget for correta, a construção é a única forma de os homens se apoderarem dos diversos conhecimentos. Portanto, não se trata de opção pedagógica, mas sim de um mecanismo psicológico (TAILLE, 1996, p.146).

Em termos Kant pensa que, sem socialização (palavra de uso mais recente e psicológico) o homem é impensável. Contrariamente aos animais, ele não tem instintos, “ele precisa estabelecer seu próprio plano de conduta”. Porém, como não é, ao nascer, capaz de tal estabelecimento, outros seres humanos lhe são necessários. Sem eles, nada poderia fazer. Portanto a educação é a forma de a criança tornar-se homem, pois, provada e instintos, somente lhe esta aprender para alcançar sua condição de membro da espécie humana (Ibid., p. 145).

Outra dimensão da socialização da criança é apontada por Kant (op. cit., p. 146). Sem ela, o homem permanece “selvagem”. Daí a necessidade de uma forma de educação “negativa”: a disciplina.

O núcleo do processo passa a ser a funcionalidade da linguagem, o discurso e as condições de produção. Cresce a importância do professor como alguém que interage com os alunos por meio da linguagem. Conhece-se algo quando se é capaz de ter desse objeto uma visão de conjunto e de situar as suas partes de uma maneira ordenada (ROSSLER, 2000). Algumas noções aparecem como fundamentais nesse processo, como a de espaço e tempo, a de causa e efeito, a de encadeamento lógico, que permite distinguir o princípio, o desenvolvimento e a conclusão.

O processo de aprendizagem na verdade, parece não haver outra alternativa. Cada um constrói o conhecimento de acordo com o seu modo de ser e de suas capacidades. A afirmação corrente de que o aluno na pedagogia tradicional receberia passivamente os conteúdos transmitidos pelo professor como já se viu, é bastante discutível a partir da própria epistemologia genética de Piaget (2002). Admitindo-se com ela que todo processo de aprendizagem se dá pela ação, qualquer que seja o método de ensino utilizado, a aprendizagem dependeria da disposição do educando. Estando ele passivo, não haveria aprendizagem.

Mostra ainda esse autor (Ibid., p. 51), “que não há processos em sentido único, visto que se uma forma operatória é sempre necessária para estruturar os conteúdos, estes podem frequentemente favorecer a construção de novas estruturas adequadas”. Percebe-se então a importância da aprendizagem de conteúdos para a

constituição de novas estruturas responsáveis por novas formas operatórias. De qualquer modo é difícil a compreensão de como ocorre a passagem das formas iniciais do conhecimento para as formas superiores.

Ensino não é apenas a transmissão do já conhecido, mas o processo que leva à capacidade de observação e de reflexão crítica. Percebe-se, nos dias de hoje, um preconceito contra o ensino como se fosse ele uma atividade menor, como se fosse um processo condenável por si mesmo. Pode questionar os seus métodos, buscar o seu aprimoramento, mas, sendo o homem um ser social, a transmissão da bagagem de conteúdos e da reflexão crítica de uma geração para a seguinte é inevitável e fundamental. Cabe à escola a socialização do conhecimento, a instigação à curiosidade, a instauração do hábito do rigor metodológico (KANT, op. cit.).

O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Para o construtivismo, a aprendizagem resultaria de um processo de construção individual do sujeito a partir de suas representações internas. Seria impossível a apreensão da realidade como ela é, ou seja, o conhecimento objetivo.

O processo de conhecimento decorreria da interpretação pessoal que, pela experiência, conferiria um significado ao objeto do conhecimento (COLL, 2003). Na verdade, parece não haver outra alternativa. Cada um constrói o conhecimento de acordo com o seu modo de ser e de suas capacidades. Admitindo-se que todo processo de aprendizagem se dá pela ação, qualquer que seja o método de ensino utilizado, a aprendizagem dependeria da disposição do educando. Estando ele passivo, não haveria aprendizagem. Percebe-se então a importância da aprendizagem de conteúdos para a constituição de novas estruturas responsáveis por novas formas operatórias (VIGOTSKY, 2003).

Com qualquer metodologia de ensino as construções ocorreriam dentro dos processos de acomodação e de assimilação, ou não existiriam. Pode-se, no entanto, propiciar essa aprendizagem propondo experiências, enriquecendo o dia a dia do sujeito com materiais didáticos adequados e situações de vida que induzam e facilitem essas experiências (ROSSLER, 2000).

O conhecimento resultaria de um processo de construção pessoal, de atribuição de sentidos e significados pelo sujeito que, de certo modo, restringiria a possibilidade do conhecimento objetivo e universal. O nível do conhecimento manifesta ainda na utilização prática que dele se faz. Pode-se observar em que medida, no seu dia-a-dia, o sujeito emprega o conhecimento aprendido (Ibid.).

A construção do conhecimento como processo de aprendizagem do sujeito depende de um lado, do desenvolvimento de suas estruturas cognitivas e do outro, do modo pelo qual os conteúdos do conhecimento lhe são apresentados. O conteúdo deve ser apresentado como valor, ou seja como algo que, de algum modo, vá preencher as necessidades do sujeito. Para tanto, pede-se o concurso da Psicologia do Desenvolvimento onde é inestimável a contribuição de Piaget, da Psicologia da aprendizagem e da Didática (JAPIASSU, 1977).

METODOLOGIA

Para fins desta pesquisa utilizamos uma abordagem qualitativa de pesquisa. Os métodos qualitativos se assemelham a procedimentos de interpretação dos fenômenos que empregamos no nosso dia-a-dia. Tanto em um como em outro caso, trata-se de dados simbólicos, situados em determinado contexto; revelam parte da realidade ao mesmo tempo que escondem outra parte. Os pesquisadores, ao empregarem métodos qualitativos estão mais preocupados com o processo social do que com a estrutura social. Eles buscam visualizar o contexto e, se possível, ter uma integração empática com o processo objeto de estudo que implique melhor compreensão do fenômeno (NEVES, 1996).

Como procedimento de pesquisa utilizamos uma revisão bibliográfica. Segundo Marconi e Lakatos (1992), a pesquisa bibliográfica é o levantamento de da bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita. A sua finalidade é fazer com que o pesquisador entre em contato direto com todo o material escrito sobre um determinado assunto, auxiliando o cientista na análise de suas pesquisas ou na manipulação de suas informações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que é de muita importância para os profissionais da educação e para sociedade identificar e aprender sobre o construtivismo.

Há ainda que refletir sobre a ação do sujeito para o construtivismo: sobre o papel do professor e a possibilidade do ensino. Considerando-se suas diferentes interpretações, percebe-se que, para algumas delas, como na de feição sociocultural, a aprendizagem vai depender de agentes externos como o meio social e o professor. O ensino ganha relevância como fator essencial na construção do conhecimento, enquanto que, para outras, a aprendizagem depende exclusivamente da atividade do aprendiz.

Por fim, pode-se dizer que essa “construção” não é totalmente livre e independente o que levaria ao relativismo mas que, deve adequar-se às exigências da intersubjetividade para que seja garantida a possibilidade de comunicação.

REFERÊNCIAS

ARCE, A. A formação de professores sob a ótica construtivista. In: DUARTE, N. (Org.). **Sobre o construtivismo**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

ASSIS, Orly Zucatto Montovani de. **PROEPRE: Fundamentos teóricos**. 3ª edição. Campinas, SP: UNICAMP/FE/LPG, 2000.

COLL, C. S. Entrevista a Faoze Chibli. **Revista Educação**. São Paulo, ano 7, n. 78, out. 2003.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GULART, Iris Barbosa. **Psicologia da Educação: fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica**. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

JAPIASSU, H. Introdução ao pensamento epistemológico. 2ª ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

KANT, E. **Crítica da razão pura**. Tradução (parcial) de J. Rodrigues Mereja. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1966.

_____. **Traité de Pédagogie**. Paris, Hachette, 1981.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas 2003.

NEVES, José Luis. Pesquisa qualitativa—características, usos e possibilidades. **Caderno de pesquisas em administração**, São Paulo, V.1, Nº 3, 2º SEM./1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/C03-art06.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2015.

OLIVEIRA, J. B. A. Construtivismo e alfabetização: um casamento que não deu certo. *Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação*. **Revista da Fundação Cesgranrio**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 35, abr./jun. 2002.

PIAGET, J. **Epistemologia genética**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **A Equilibração das Estruturas Cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. **Psicologia da inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

ROSSLER, J. H. Construtivismo e alienação: as origens do poder de atração do ideário construtivista. In: DUARTE, N. (Org.). **Sobre o construtivismo**. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

VIGOTSKY, L. S. **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.